

Contribuição a uma clarificação de termos ligados às questões trabalho e a educação a partir do pensamento de Marx e Engels

Lázaro Eustaquio Silva Simim¹

Resumo

A centralidade do trabalho na constituição humana de mulheres e homens ocupa lugar principal na abordagem de Marx e Engels sobre a educação. Esta não muda o mundo, mas é transformada e transforma a realidade a partir da intervenção humana em sua autoconstituição. A alienação do trabalho e as relações sociais de inclusão subalterna produzem padrões coerentes com esse modelo burguês. A educação que interessa aos trabalhadores é aquela que lhes dê condições de desenvolver as suas potencialidades ainda que na lógica do capital isso não possa se tornar uma realidade plena.

Palavras-chave. Politecnia, trabalho produtivo, instrução, ginástica, educação popular.

Talvez não seja demais afirmar que Marx e Engels não se ocuparam da discussão acerca da educação na mesma proporção em que deram ênfase as questões relacionadas à filosofia, à economia e à política. No entanto, podemos a partir de trechos de suas obras, apontar referências, algumas indiretas e outras, diretas, à questão da escolarização e seu papel na formação da cultura, na constituição das ideologias, por exemplo². Devemos ter especial cuidado em compreender o contexto cultural, político que envolveu o século XIX, o tempo em que viveu Marx, e sua influência sobre o seu pensamento. O século da segunda revolução industrial, esta não atingindo toda a Europa com profundidade homogênea, é o século das tentativas de consolidação do estado que tinha a burguesia como classe preponderante,

¹ Graduado em Filosofia. Mestre em Filosofia. Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – Campus Belo Horizonte – FaE/UEMG/CBH.

² Nesse ponto faço referência a um anexo do livro: DANGEVILLE, Roger *Crítica da educação e do ensino – Karl Marx & Friedrich Engels*. Nesse livro o organizador de uma antologia de textos dos dois clássicos autores, faz referência, a vinte e cinco obras de Marx e Engels que dizem respeito à questão da educação de modo mais direto. Entre esses textos, temos: MARX, t. II, in *Werke*, 26/2, PP. 103-104,554-555: com o seguinte comentário do organizador da antologia: “[...] a base científica direta para a agricultura – química, geologia e fisiologia – desenvolve-se no século XIX na base científica da grande indústria – a mecânica – que aparece a partir do século XVIII. As ciências naturais nada custam ao capitalista – exemplo da invenção do moinho de vento, e da maquinaria em geral.” – página 260. Ele comenta também acerca de outro trecho da mesma obra - páginas 433-438: “a progressão histórica dos conhecimentos; condições da acumulação de capital auxiliar. Por exemplo, a telegrafia, o caminho de ferro, etc., abrem um campo novo ao investimento de capital auxiliar. A produção capitalista implica a separação da ciência do trabalho e, ao mesmo tempo, a aplicação da ciência enquanto tal à produção material.” p. 261.

ocorrendo aqui e ali, concessões a parcelas da classe hegemônica do *ancien regime*, a aristocracia, a chamada nobreza. Foi o tempo da tentativa da reação de retomar o poder alcançado pela burguesia, na revolução francesa, por parte de setores ligados às oligarquias de raiz medieval, ou de estabelecimentos de estados absolutistas que combinavam princípios que atendiam interesses burgueses e da nobreza, como o foi o caso do estado prussiano. O estado do século XIX, na Europa, é o estado que figura como o servidor dos interesses burgueses, embora deva ser levado em consideração que em alguns momentos ocorreram crises que envolveram as burguesias nacionais em conflito entre si, e em outros, os movimentos dos trabalhadores no enfrentamento da situação de super-exploração do trabalho. Hegel foi o grande influenciador de toda uma geração de pensadores, nesse período. O filósofo prussiano, morto em 1831, desenvolveu uma interpretação filosófica extremamente vigorosa que pretendia, e o conseguiu em alto grau, fornecer uma exegese totalizante da realidade. Após a sua morte, muitos intelectuais influenciados pelo filósofo do Espírito Absoluto, podem ser classificados em dois grandes grupos que pretendiam prosseguir o seu pensamento. Os chamados hegelianos de direita procuravam enfatizar o aspecto da lógica que governa a realidade, mas de modo a dar importância maior à conservação das instituições. Estes estavam alinhados à defesa da política reacionária que alicerçava o estado prussiano conservador. Já outro grupo, procurava destacar o lado dinâmico do pensamento de Hegel, enfatizado a dialética. Estes eram chamados de hegelianos de esquerda. Entre eles, estavam pensadores como Feuerbach³ e Marx. No contexto político-econômico do século XIX, destacamos algumas entre as várias interpretações acerca dos fenômenos sociais levadas a termo, como a dos socialistas utópicos, comunistas, socialistas, anarquistas. A interpretação reacionária tratava os problemas sociais como assunto de polícia, como atestam as aplicações de leis como a lei contra a vadiagem. Com o avanço do capitalismo, percebeu-se por um lado que a aplicação dos conhecimentos científicos à produção, poderia incrementá-la, torná-la, portanto mais ágil, repercutindo no tempo de trabalho para a produção e na qualidade dos produtos, impactando também o consumo, e conseqüentemente o processo de acumulação e expansão do capital. Outro aspecto, dizia respeito à simplificação das tarefas desempenhadas pelos

³ Ludwig Feuerbach – assim como Hegel, graduou-se em teologia e visando se tornar pastor da igreja luterana. Desistiu da ideia de ser pastor e se dedicou ao pensamento de caráter ateu. Escreveu uma das mais célebres obras com esta marca: “A Essência do Cristianismo”. O seu pensamento influenciou também Marx, em grande medida. Para o objetivo desse pequeno trabalho, remetemos à leitura das famosas **Teses Ad Feuerbach**, sobretudo a Tese I que trata da práxis como fundamento do conhecimento, bem como a Tese III que se refere à práxis revolucionária como unidade da mudança do homem e das circunstâncias. A esta última faremos referência mais adiante pela sua ligação com a temática da educação.

trabalhadores, que deixavam de ser artesãos para serem operários. Com isso, o olhar sobre a educação, antes dedicada apenas às classes dirigentes, passou a ser ampliado incluindo as classes dos trabalhadores. Percebeu-se que à força produtiva, estando ou não empregada em funções laborais, deveria ser dada uma especial atenção, no sentido obrigar-lhes a aquisição de alguns conhecimentos básicos que favoreceriam a sua colocação no mercado em uma eventual situação de disponibilidade de posto de trabalho, ou melhorariam seu desempenho enquanto operário na ativa. Em um texto assim intitulado *Ensino Profissional em Regime capitalista* antologia de Dangeville, à qual fizemos referência mais acima, e que o organizador remete à referência de um manuscrito de Marx, *Trabalho Assalariado e Capital (1849)*, nos termos de Marx, temos:

O verdadeiro significado da educação, para os economistas filantropos, é a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais possíveis, de tal forma que, se é afastado de um ramo pelo emprego de uma nova máquina ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa instalar-se noutro lado o mais facilmente possível.

Admitamos que seja isso possível.

A consequência seria que, se a mão de obra era um excedente num ramo da indústria, este excedente espalhar-se-ia imediatamente pelos outros ramos de indústria, apesar de a baixa de salário num ramo originar ainda mais seguramente do que antes uma redução geral dos salários.

À parte este fato, a indústria moderna – tornando por todo o lado o trabalho muito mais simples, portanto mais fácil de aprender – faz com que um aumento do salários num ramo de indústria provoque imediatamente um afluxo de trabalhadores a este ramo, se bem que a baixa dos salários se torne, de maneira mais ou menos direta, geral.

Não podemos naturalmente demorar-nos aqui nos numerosos pequenos paliativos preconizados pelos próprios burgueses (MARX apud DANGEVILLE, 1978, p. 74).

O texto de Marx, acima, tem uma preocupação econômica, como está patente. No entanto no seu conjunto, ele não ignora outros aspectos, como o ideológico, presente na educação defendida por burgueses reacionários, por um lado, e economistas filantropos, por outro. Marx considerava que a classe burguesa não possuía “[...] os meios e nem o desejo de oferecer ao povo uma educação verdadeira.”⁴ Como Marx e Engels consideravam importante o papel da educação na sociedade, devemos considerar o que compunha o ideário marxiano no que diz respeito à relação trabalho e educação no contexto em que viveram. Indagado por uma professora de uma escola profissional de Moscou sobre qual poderia ser o papel a ser

⁴DANGEVILLE, R. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa: Moraes editores, 1978, p.74.

desempenhado por uma escola profissionalizante na Rússia e interessada, como ela estava na experiência inglesa, recebeu de Engels, entre outras observações, a seguinte:

Neste país, a educação industrial da juventude é ainda mais desprezada do que na maior parte dos países do continente, e o que aí se faz é na maior parte das vezes pura fachada. Sabeis sem dúvida que as ‘Industrial Schools’ não estão de forma alguma ao nível das escolas profissionais do continente, mas são uma espécie de casas de correção para onde se mandam as crianças abandonadas durante alguns anos na sequência de um julgamento em tribunal (ENGELS apud DANGEVILLE, 1978, p 76).

De especial importância também, convém destacar o comentário de Marx, citado na antologia de Dangeville⁵ referindo-se à questão do ensino na Comuna de 1871. Ali faz referências às medidas tomadas pela Comuna, sua Comissão de Ensino, ao trabalho dos professores, seu financiamento, bem como do material necessário ao seu trabalho, entre outras. Interessa-nos, sobretudo, a leitura feita por Marx no sentido de destacar a participação civil nas questões que diziam respeito ao que era público. A participação dos cidadãos na organização dos serviços públicos, as funções dos servidores e a necessidade dos cidadãos, o fim dos agentes repressores dos trabalhadores, a eleição de juizes e revogação de seus mandatos quando necessário, todos esses detalhes indicam a concepção republicana que embasava o ideário marxiano, sua compreensão expressa na ideia de que o velho mundo se torcia “[...] em crises de raiva à vista da bandeira vermelha símbolo da República do Trabalho que esvoaçava na Câmara Municipal.”(MARX apud DANGEVILLE, 1978, p.81).

Destacada também, a posição de Marx em relação ao Programa do Partido Operário Alemão de Gotha (1875). Ali, identificamos dois aspectos que nos chamam a atenção tendo em vista o objetivo desse pequeno trabalho. Em primeiro lugar a importância dada por Marx à questão da educação popular. Marx, não escrevia *in abstractu*, quando tratava dos problemas sociais que se desenrolavam em seu tempo. Quando se referia ao estado, sobretudo depois da sua virada ontológica a partir da obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, compreendendo a sociabilidade humana como categoria que se ligava ao metabolismo homem-natureza, a partir de uma consciência que era determinada, mas também determinante, via no estado de seu tempo um antagonista dos interesses de classe dos trabalhadores. Na crítica ao programa de Gotha expressa sua discordância em relação à proposta daquele partido “operário” de que o estado deveria ser responsável por uma educação popular para os trabalhadores. Marx já apontava a necessidade de que os

⁵DANGEVILLE, R. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes editores, 1978, pp.78-81.

trabalhadores pudessem, enquanto classe social, influenciar nas direções tomadas no sentido de formular um programa educacional que deveria estar em consonância com as necessidades dos operários. Engels⁶ colocou-se contra a concepção de educação politécnica de Eugen Dühring no trecho:

Sem dúvida, o Sr. Düring ouviu vagamente dizer que, na sociedade socialista, o trabalho e a educação estarão combinados, de tal forma que se assegurará uma educação politécnica muita variada, bem como uma base prática à educação científica. Ele chega a utilizar este ponto para a ‘socialidade’ a sua maneira habitual. Como vimos, a antiga divisão do trabalho continua tranquilamente a subsistir no essencial na produção do futuro à maneira de Dühring: ele priva a sua instrução técnica de toda a futura aplicação prática e de toda a significação para a própria produção – mas de qualquer forma ela só tem um fim escolar e só se destina a substituir a ginástica, da qual nosso revolucionário radical não quer ouvir falar (ENGELS apud DANGEVILLE, 1978, p.98).

A defesa marxiana era a de que o sistema de trabalho produtivo do seu tempo já estava fornecendo o germe da educação do futuro que: “[...] , para todas as crianças acima de uma determinada idade, combinará o trabalho produtivo à instrução e à ginástica, e isto, não só como meio de aumentar a produção social, mas como único método para produzir homens plenamente desenvolvidos.”⁷ Marx era contra a chamada escola que visava a polivalência, segundo a qual o trabalhador deveria estar apto a desenvolver várias atividades produtivas atendendo as necessidades dos contratadores de força-de-trabalho. Por outro lado, compreendendo o trabalho como a atividade responsável pela auto-constituição humana, propugnava por uma presença do trabalho produtivo na educação da criança a partir de uma determinada idade na qual houvesse condição para associação do trabalho produtivo com a educação escolar, respeitadas as necessidades da infância nos seus primeiros anos. Corroborando tal afirmação, acrescentamos o trecho de “A Questão Filosófica [...]”, *Le Fil Du Temps*, nº 13, na parte consagrada à “Polêmica sobre a ‘questão da cultura’”⁸

A corrente a que nos ligamos entregara a moção seguinte sobre o desporto no congresso dos jovens de Florença em 1919, cujo espírito é diametralmente oposto ao que preside às festas mercantis organizadas pelas pretensas organizações operárias atuais: ‘Reconhecendo, entre outras, que o socialismo tende para infundir no coração do homem o amor da vida, da beleza e do prazer, ao contrário da religião que lhe inspira a renúncia e o desejo de aniquilamento, o congresso convida os jovens a organizarem com precaução e seriedade festas que ao mesmo tempo que desviam os camaradas de divertimentos comuns que fomentam o vício e pervertem a alma, elevar-lhes-iam o espírito e os descansaria da dura luta quotidiana, dando-lhes uma

⁶ENGELS, E. *Anti-Düring*, in *Werke*, 20, pp. 293-301 apud DANGEVILLE, R. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes editores, 1978. p. 74.

⁷ MARX, K. **O capital**, livro I, cap. XV, 9.26ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁸ENGELS, E. *Anti-Düring*, in *Werke*, 20, pp. 293-301 apud DANGEVILLE, R. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes editores, 1978. p. 98.

fornada de despreocupação, de alegria e de estudo, a fim de lhes rejuvenescer e lhes temperar o corpo, dado que é da boa condição física que provêm a força e o vigor das ideias’ (ENGELS apud DANGEVILLE, 1978, p.98).

Portanto, não se deve perder de vista que, quando se tratar da concepção de educação marxiana e sua vinculação com a categoria trabalho, a imbricação é direta: o trabalho produtivo, a instrução e a ginástica. Essa tríade não está posta sem motivos. Como Marx criticava a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, e como materialista dialético que era, entendia que nenhuma ideia humana poderia ser abstraída completamente da matéria, é correto afirmar que mesmo o trabalho de alguém que por força da sua tarefa é obrigado a dedicar-se a cálculos realizados na solidão do escritório, não pode prescindir da matéria. Não pode negar que há uma atividade corporal no labor dito intelectual. Da mesma forma o trabalho manual por mais rude que se apresente, é também trabalho que envolve o raciocínio.

O homem é o único animal que antes de executar uma tarefa a projeta em seu cérebro. Talvez hoje, tenhamos mais elementos que Marx para perceber inteligências também em outras espécies animais, além da espécie humana, mas isso não invalida o raciocínio de Marx quanto à singularidade da capacidade de cálculo, de inventariar possibilidades, enfim, de projetar mentalmente a solução para os enfrentamentos que sempre acompanharam a espécie humana. A questão da chamada instrução geral, pelo nível da pesquisa por mim realizada, tendo em vista a vastidão da obra de Marx, bem como a de Engels, diz respeito ao conhecimento acumulado historicamente, principalmente na educação escolarizada. Não se trata de educação clássica no sentido da erudição, mas daqueles avanços que a ciência, *Latu e strictu sensu*, construiu a duras penas através dos séculos. O trabalho produtivo, rigorosamente, na obra de Marx, está ligado ao trabalho a partir do qual é extraída a mais-valia. Se o sentido da expressão “trabalho produtivo” empregada no texto na citação de “Polêmica sobre a ‘Questão da Cultura’”⁹ é o mesmo que corresponde a daquele ligado a extração de mais-valia, não podemos afirmar com certeza. No entanto, pela compreensão geral da obra de Marx, não é demais arriscar que ele não podia fazer abstração do trabalho do contexto capitalista no qual ele se dava na Europa. Defender a tese de que o trabalho produtivo deveria ser integrado à instrução e à ginástica, mesmo no caso da educação das crianças, não era o mesmo que defender a extração da mais-valia no trabalho dos infantes. A educação dos trabalhadores deveria contribuir para o avanço da categoria trabalho, ainda que

⁹ENGELS, E. *Anti-Düring*, in *Werke*, 20, pp 293-301 apud. DANGEVILLE, R. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes editores, 1978. p. 74.

circunstancialmente ele se configurasse como trabalho explorado, alienado. Essa alienação não é uma característica imanente ao trabalho, mas uma contingência da sua relação com o capital. Portanto, não se deve perder de vista que o preparo para trabalho não se dá independente da configuração da sociedade na sua totalidade. Como para Marx e Engels a sociedade capitalista padece de uma contradição irremediável, que é a do trabalho alienado, a expropriação dos trabalhadores pela classe burguesa, não há que se esperar que a educação por si só possa romper o véu que encobre a realidade. Nesse ponto recordamos a Tese III das “*Teses Ad Feuerbach*” de Marx:

A doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece de que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Deve por isso separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima da outra. A coincidência da alteração das contingências com a atividade humana e a mudança de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como práxis revolucionária (MARX, 1974, p.57).

A interpretação de Vázquez vai na mesma direção quando afirma: “Marx tem presente, aqui, a ideia da transformação social sustentada pelos iluministas e materialistas do século XVIII e que Feuerbach e os socialistas utópicos, no século XIX, não fazem mais do que continuar.”¹⁰ A visão crítica de Marx é interpretada por Vázquez mais adiante, no que se relaciona de modo direto à questão da educação, destacando que:

Na tarefa da transformação social, os homens não podem se dividir em ativos e passivos; por isso não se pode aceitar o dualismo de ‘educadores e educandos’. A negação desse dualismo – assim como da concepção de um sujeito transformador que permanece ele próprio subtraído à mudança – implica a ideia de uma práxis incessante, contínua, na qual se transformam tanto o objeto como o sujeito. Ao transformar a natureza – dirá Marx em outro lugar – o homem transforma sua própria natureza, em um processo de autotransformação que jamais pode ter fim. Por isso, jamais poderá haver educadores que não requeiram, por sua vez, ser educados[...] (VÁZQUEZ, 2007, p. 147).

Assim, a educação, de modo geral, e profissional de modo específico, devem ser compreendidas no pensamento de Marx, assim como o de Engels, em ligação com sua concepção de práxis. A educação propugnada pelo filósofo alemão não faz abstração do metabolismo homem-natureza e sua correspondente configuração histórica, sem a qual esse metabolismo é impensável.

¹⁰ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007. p. 147.

Com as transformações sociais que se sucederam ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, é correto afirmar que o estado tomou nova forma, sobretudo nas economias centrais capitalistas. Isso se deu por várias razões, entre elas a burguesia teve que ceder espaço para continuar tendo a hegemonia do fluxo do poder político e econômico, na melhor tradição das teses maquiavelianas acerca da ciência política. Foi necessário dividir para reinar, algumas concessões são feitas para que outras não precisem ser feitas. Alguns direitos dos trabalhadores são garantidos por legislações: o direito de organização em sindicatos, partidos políticos mais alinhados como algumas visões políticas mais próximas da classe trabalhadora são permitidas, entre outros. Podemos afirmar assim, que Marx tinha sua visão condicionada por um período em que o confronto com o estado, inteiramente a serviço dos interesses burgueses, favorecia uma polarização em seu posicionamento. Outros autores influenciados por Marx, como Lênin, esse em um contexto de uma Rússia ainda medieval na organização de sua economia, embora no alvorecer do século XX, aprofundaram seu posicionamento inteiramente avesso a uma guerra por disputas parciais já que enfrentavam um governo despótico, incapaz de dar terra, de tirar a Rússia da sua condição vergonhosa da Primeira Guerra Mundial e de combater a fome que grassava nesse período. Era uma revolução, no caso da Rússia, que não podia ser feita, mas que contraditoriamente, deveria ser feita.

À guisa de conclusão: apontando uma possibilidade

Coube a Antônio Gramsci (1891-1937) a tarefa de aprofundar o pensamento de Marx constituindo uma verdadeira Filosofia da Práxis. No pensamento do filósofo sardo o tratamento dado a questão da educação e sua relação com o mundo do trabalho dão sequência a um fulcro aberto por Marx e Engels. A questão da educação emerge para Gramsci como um fator absolutamente importante na constituição das mentalidades, o mundo da cultura. Para a burguesia ter o controle da situação, ter a hegemonia, é necessário que atue não somente com o elemento da coerção, da violência, mas também através do consenso. Para que uma classe possa se colocar como sujeito histórico, é necessário uma reforma intelectual e moral, é necessário autoconsciência crítica. A supremacia burguesa dá-se pelo domínio, mas também pelo fato de que é classe dirigente. A classe dirigente é hegemônica porque consegue pelo consenso se organizar e se posicionar como bloco histórico.

Como Gramsci é o filósofo da *Práxis*, ele entende que mesmo sem ter o poder econômico dominante sob seu controle, uma classe social pode ir se constituindo como classe dirigente, capaz de propor as soluções para os problemas que enfrenta a sociedade. Os intelectuais alinhados com a classe trabalhadora devem ser, na visão gramsciana, intelectuais orgânicos identificados com os trabalhadores, intérpretes da cultura cristalizada e construtores de uma hegemonia – a hegemonia da única classe que não vive da exploração do trabalho de outra classe. Sem esse movimento, toda revolução política pode conquistar o poder, mas não construirá a hegemonia necessária à construção de uma sociedade livre da égide do capital. Gramsci opõe também a guerra de movimento à guerra de posição. Desse modo, para qualquer mudança política é necessário conquistar posições correspondendo a uma estratégia de conquista que passa pela construção da hegemonia dos trabalhadores.

Contribution to a clarification of terms related to labor and education questions from the thought of Marx and Engels

Abstract

The centrality of work in the human constitution of women and men occupies the main place in Marx and Engels' approach to education. It does not change the world, but it is transformed and transforms reality from human intervention into its self-constitution. The alienation of labor and the social relations of subaltern inclusion produce patterns consistent with this bourgeois model. The education that interests the workers is that which gives them the conditions to develop their potentialities even if in the logic of capital this can not become a full reality.

Keywords. Politecnia, productive work, education, gymnastics, popular education.

Contribución a la aclaración de los términos relacionados con el trabajo y la educación desde el pensamiento de Marx y Engels

Resumen

La centralidad del trabajo en la constitución humana de las mujeres y los hombres ocupa lugar central en el enfoque de Marx y Engels sobre la educación. Esta no cambia el mundo totalmente, pero se transforma y transforma la realidad a partir de la intervención humana en su propia constitución. La alienación del trabajo y las relaciones sociales de inclusión subordinada producen patrones coherentes con este modelo burgués. La educación que interesa a los trabajadores es la que les da condiciones de desarrollar sus potenciales aun cuando en la lógica del capital no pueda convertirse en una realidad plena.

Palabras clave. Politecnia, trabajo productivo, instrucción, gimnasia, educación popular.

Referências

- DANGEVILLE, Roger. **Crítica da educação e do ensino – Karl Marx & Friedrich Engels**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. **O capital**. Livro I Volume I. 26ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, K. Salário, Preço e Lucro in: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção por José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MARX, K. **A questão judaica**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- MARX, K. Teses contra Feuerbach in: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção por José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MARX, K. Teses contra Feuerbach in: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção por José Arthur Giannotti. Abril Cultural. São Paulo, 1974.
- MESZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.